



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

DIVINA FERREIRA DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

GOIÂNIA

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

DIVINA FERREIRA DOS SANTOS

EDUCAÇÃO, EDUCAÇÕES: PAULO FREIRE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de trabalho de Conclusão de curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cristina das Graças D. Mesquita.

GOIÂNIA

2022

DIVINA FERREIRA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO, EDUCAÇÕES: PAULO FREIRE E A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Banca Examinadora:

Orientadora:

Profª. Drª. Maria Cristina das Graças Dutra Mesquita
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Formação de Professores e Humanidades

Membro/Leitora:

Profª. Me. Patrícia Marcelina Loures
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Formação de Professores e Humanidades

Goiânia, 21 de junho de 2022

AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a Deus, pela oportunidade de ter retornado meus estudos depois de muitos anos afastada da escola. Aos meus pais, Nelson Passinato dos Santos e Marciana Ferreira dos Santos, que são minha base de educação. Agradeço também aos meus quatro filhos que Deus me enviou, Rafael Borges, Renato Borges, Luany Azevedo e Leonardo Gomes.

Registro meus agradecimentos à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pelo programa bolsa social, que contribuiu para o meu ingresso na universidade, aos meus professores e professoras que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico, e que sempre me acolheram com muito respeito e carinho.

Quero agradecer a minha Orientadora, Prof.^a Dra. Maria Cristina das Graças Dutra Mesquita, e a minha Co-orientadora Me. Luciana dos Santos Machado Balduino, por estarem comigo na construção desta monografia, sou grata pela vida de vocês duas.

Foram muitas pessoas que torceram por mim, não conseguiria aqui citar seus nomes. Assim agradeço cada um e cada uma, por terem me incentivado e ajudado a chegar até aqui, creio que só comecei a caminhar, tenho muito mais a descobrir, porque hoje sei que faço parte do processo e consegui me encontrar dentro desse processo que se chama educação.

As minhas colegas de sala, que se tornaram minhas amigas, meu muito obrigada, vocês são sensacionais. Com lágrimas nos olhos espero não perder o vínculo que tenho com vocês. Foram anos de aprendizagem, superação, conquistas e união que levarei comigo no meu coração.

Deixo uma frase de Paulo Freire, a primeira que vi e nunca mais esquecerei. “Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”. Por fim, que o senhor abençoe a vida de cada um que esteve comigo nessa jornada. Meu muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	06
RESUMO.....	07
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I- COMPREENDENDO O CONCEITO DE EDUCAÇÃO.....	12
1.1 - Conceito de Educação.....	12
1.2 Educação formal e não-formal.....	19
CAPÍTULO II- A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE E A FORMAÇÃO DOCENTE.....	25
2.1- Educação: processo formativo para a vida.....	25
2.2- O grande educador brasileiro: Paulo Freire.....	30
2.3- As Diretrizes da Formação docente e sua relação com Paulo Freire.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
APÊNDICE.....	41

LISTA DE SIGLAS

MEC- Ministério da Educação.

PPGE- Programa de Pós-Graduação em Educação.

PDI- Plano de Desenvolvimento Institucional.

PPI- Projeto Pedagógico Institucional.

PPC- Projeto Pedagógico de Curso.

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

RESUMO

SANTOS, Divina Ferreira. **As contribuições de Paulo Freire para a Formação de Professores**. Goiânia, 2022, 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

Divina Ferreira dos Santos¹

Prof.^a. Dr.^a. Maria Cristina das Graças Dutra Mesquita²

Este trabalho de pesquisa tem como finalidade levar ao conhecimento dos futuros profissionais da educação a importância de Paulo Freire para a educação brasileira. Como problema de pesquisa intentamos responder como o pensamento de Paulo Freire, através da obra Educação como Prática da Liberdade, pode contribuir para a formação de professores e de uma educação crítica e emancipadora. Para tanto traçamos como objetivo geral: compreender a importância de Paulo Freire para a formação de professores e de uma educação crítica e emancipadora, por meio da obra Educação como Prática da Liberdade, e como objetivos específicos: Ler e compreender a obra Educação como Prática da Liberdade; refletir sobre a influência dessa obra na formação docente e analisar quais os pontos importantes a serem atribuídos na formação docente com vistas a um professor crítico, que compreenda a educação como processo de emancipação do sujeito histórico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental. Recorremos a autores como, José Carlos Libâneo (2010), Dermerval Saviani (1991), Álvaro Vieira Pinto (1993), Paulo Freire (1967), para discutir o conceito de educação. A pesquisa reforça a importância da consciência crítica e dialogada entre educador e educando, levando em conta os diferentes contextos, seja cultural, social e econômico, e que se renova em meio às mudanças que há diante de uma sociedade, seja com retrocesso ou avanço.

Palavras-Chaves: Formação de Professores; Paulo Freire; Educação

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia.

² Orientadora deste trabalho e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

INTRODUÇÃO

Esta Monografia surgiu com o intuito de investigar as contribuições de Paulo Freire para a formação docente.

Meu interesse pela pesquisa nasceu quando entrei no curso de Pedagogia. No momento oportuno tive a possibilidade de participar da Iniciação Científica com o Projeto “Os Resumos de Pesquisas nas Teses Defendidas no PPGE³-2012-2016: Linha Estado, Políticas e Instituições Educacionais”, sob a orientação da professora Dr^a Maria Cristina das Graças Dutra Mesquita.

Desta forma, unindo os dois exercícios investigativos, pesquisadora e orientadora optaram por identificar nas teses quais as obras de Paulo Freire foram citadas e utilizadas nas pesquisas do PPGE, nesta linha, no período 2012-2016.

Ao entrar na universidade não sabia nem quem era Paulo Freire, nunca tinha ouvido falar sobre ele e suas obras, me apaixonei por sua coragem, luta e determinação. Venho de uma classe trabalhadora e depois de muitos anos afastada da escola, voltar para a sala de aula, foi uma tarefa de muita coragem, não imaginava que seria tão difícil e gratificante ao mesmo tempo.

Na escola de formação de professores e humanidades, subindo as escadas olhei para os vários quadros que são expostos entre um andar e outro, vi pela primeira vez sua imagem, perguntei quem é ele? Fiquei intrigada e querendo saber, o que ele tinha feito de tão importante e qual era o sentido da frase escrita do lado de seu rosto, “Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.” De fato, precisamos da Educação.

No primeiro período, tive uma disciplina por nome **Sociologia da Educação**, com o Professor: Dr. Rogério Araújo da Silva, ali comecei a descobrir quem era esse homem que lutava por uma educação humana, começa aí o meu primeiro contato com a teoria freiriana. Logo em seguida, já no segundo período com a disciplina **Estudos Sociológicos da Educação Brasileira**, com o Professor: Me, Nelson Carneiro Júnior, que trabalhou com os sujeitos sociais, os excluídos, os problemas da sociedade, as políticas públicas entre outros

³ PPGE: Programa de Pós-Graduação em Educação

temas, que foram estudados à luz das obras de Paulo Freire. Assim, fui aprimorando meu conhecimento e me identificando com sua luta. Já no terceiro período, na disciplina administrada pelo Professor: Me. Frederico Dourado R. Morais, por nome **Educação Popular e Educação de Adultos**, percebi a desigualdade na qual estava inserida e nem tinha me dado conta, essas três disciplinas foram essenciais na minha transformação. Me vi caminhando para a minha libertação, comecei pelo degrau das escadas que eu um dia perguntei, quem é ele?

Além das experiências em aulas, citadas anteriormente, tive o privilégio de ter esses três professores humanizados, com muita sabedoria, ajudando-me a subir esses degraus. Não tive dúvida da escolha que tinha feito e da admiração por esse homem tão humano, Paulo Freire, com uma visão de mundo e de sujeito que poucos têm. No entanto não posso deixar de falar que todas as disciplinas de minha graduação fazem parte desse processo.

De acordo com os estudos feitos, vejo Paulo Freire como um tesouro guardado dentro de um baú, precisamos abrir para ver o tamanho de sua relevância e de suas contribuições para a formação docente e como podemos elencar esses conhecimentos e ampliá-los além da escola, levando esses sujeitos a se ver no mundo. O docente em sua formação deverá considerando o sujeito não como uma tábula rasa, mas como parte do processo de ensino que por sua vez já possui seus conhecimentos prévios do mundo.

Nesse sentido não existe saber maior ou menor, existe sim saberes diferentes, contudo, compreendemos que a formação docente precisa se atentar a realidade social em que esses sujeitos estão inseridos. Para que este trabalho seja eficaz é preciso que professor e aluno contribuam na construção do currículo. Ambos constituem o currículo escolar que vai além do conteúdo, do preparado. Para tanto, ressalta-se a importância de ver, ouvir, analisar, considerar o contexto histórico social. Paulo Freire nos ensina que precisamos olhar para nós mesmos e olharmos o outro como sujeitos que trocam experiências.

A educação é o caminho para a libertação do sujeito de seus equívocos e da manipulação a que são submetidos ao longo da vida, resgatando sua identidade, sua subjetividade, seu ato de pensar, fazer e agir.

Paulo Freire foi e é referência de uma educação transformadora, voltada para a classe trabalhadora e os excluídos da sociedade.

Entendemos, que estudar Paulo Freire por meio de uma das suas obras e relacioná-la com a formação de professores se justifica para construção de uma monografia.

Problema, Objetivos e Metodologia da Pesquisa Monográfica.

No caminho da problematização desta pesquisa, associando nosso trabalho na IC, buscamos identificar nas teses do Programa de Pós-Graduação da PUC Goiás, Linha de Pesquisa: Estado, Políticas e Instituições Educacionais, quais e quantas vezes as obras de Paulo Freire foram citadas. O quadro a seguir traz esta síntese:

Quadro 1: Obras de Paulo Freire mais Referenciadas – Teses PPGE 2012-2016.

OBRA	QUANTIDADE
Pedagogia do Oprimido	Quatro
Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.	Duas
Educação com Prática da liberdade	Quatro
A importância do ato de ler	Duas
Pedagogia da Autonomia	Quatro
Professora sim, Tia não	Duas
Medo e Ousadia o cotidiano do professor	Três

Fonte: Teses PPGE - PUC/Goiás 2012-2016.

Obs.: As obras que foram citadas apenas uma vez não foram colocadas no quadro.

A partir do levantamento feito, observamos que três obras foram citadas em quatro trabalhos: Pedagogia do Oprimido, Educação como Prática da liberdade e Pedagogia da Autonomia. Destas, escolhemos a obra “Educação como Prática da liberdade” para consubstanciar nosso estudo monográfico. Surge assim nosso problema de pesquisa: **Como o pensamento de Paulo Freire, através da obra Educação como Prática da Liberdade, pode contribuir para a formação de professores e de uma educação crítica e emancipadora?**

Como o intuito de responder o problema apresentado traçamos como objetivo geral **compreender a importância de Paulo Freire para a formação de professores e de uma educação crítica e emancipadora, por meio da obra Educação como Prática da Liberdade.** Os objetivos específicos que nos auxiliaram a alcançar nossa meta são: ler e compreender a obra Educação como Prática da Liberdade; refletir sobre a influência dessa obra na formação docente; analisar quais os pontos importantes a serem atribuídos na formação docente com vistas a um professor crítico, que compreenda a educação como processo de emancipação do sujeito histórico.

Para responder o problema apresentado neste Projeto, vamos usar as pesquisas bibliográfica, documental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa.

Inicialmente, realizamos uma busca nas dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação, no período de 2012-2016, na Linha Estado, Políticas e Instituições Educacionais. Após a realização do levantamento das obras mais citadas nas dissertações e teses, encontramos as seguintes obras: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da

Autonomia e Educação como Prática da Liberdade, todas do autor Paulo Freire. Dentre as três mais citadas optamos pela obra “Educação como Prática da Liberdade”, no intuito de nos ajudar a alcançar o nosso objetivo.

Sobre a pesquisa de cunho bibliográfico, Fonseca (2002), afirma que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p.32).

Utilizamos também a pesquisa documental por meio do Estudo da Resolução nº 2 de 2015, permitindo que o problema desta pesquisa seja respondido à luz da ciência.

“Os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte” (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p. 243). Ainda de acordo com as pesquisadoras, “pode-se utilizar uma variedade de procedimentos e instrumentos de constituição e análise de dados, entre estes a pesquisa documental” (p. 243). A pesquisa documental, ganha relevância metodológica neste trabalho. Para as autoras:

No contexto da pesquisa qualitativa, a análise documental constitui um método importante seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Assim o pesquisador irá extrair os elementos informativos de um documento original a fim de expressar seu conteúdo de forma abreviada, resultando na conversão de um documento primário em documento secundário (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p. 245).

A Monografia está assim estruturada em dois capítulos, sendo eles: Capítulo I – Compreendendo o conceito de educação e Capítulo II – A educação como prática da liberdade e a Formação docente. Ao final trazemos algumas considerações finais.

CAPÍTULO I – COMPREENDENDO O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Neste capítulo vamos falar sobre o conceito da educação, segundo os autores, José Carlos Libâneo, Dermeval Saviani, Álvaro Vieira Pinto. Nossa proposta é de ampliar nosso conhecimento através da pesquisa realizada com estes autores, e contribuir para novos estudos e análise sobre o problema proposto por esta pesquisadora.

1.1- Conceito de Educação

As epistemologias que fundamentam as diferentes teorias pedagógicas, estão postas ora recebendo críticas, ora sendo confirmadas por educadores em todo o mundo. O certo é que as mudanças vivenciadas pela sociedade em diferentes momentos históricos e, conseqüentemente contextos diversos, exigem novos paradigmas. Estamos sempre discutindo educação, sua influência na vida e formação do homem, assim como as conseqüências de sua ação que incidem de forma efetiva na sociedade, para preservá-la, mudá-la e até mesmo transformá-la.

O conceito de educação para muitos (senso comum) baseia-se em ter algum tipo de formação e ter um bom comportamento perante a sociedade ou até mesmo ser obediente às regras sociais. Mas, sabemos que a educação não se faz sozinha e sim em conjunto, não ocupando um lugar único, ou seja, faz parte de todas as esferas da vida humana, seja, formal, informal ou não-formal, a educação está em meio a sociedade em pleno movimento. Ela se dá nas relações sociais em todas as suas dimensões, seja cultural, social, econômico, político.

Segundo Libâneo,

Numa visão estrutural-funcionalista, há sem dúvida, um posicionamento que pode ser considerado conservador. A educação é vista como algo que se repete, que se reproduz, algo sempre idêntico e imutável. Por mais que se identifique aí uma função comunitária no sentido de inserir os indivíduos num sistema social, predomina uma ideia de adaptação passiva a uma realidade cristalizada, isto é, a educação seria sempre a mesma para uma sociedade que é sempre a mesma (2010, p. 73).

A visão de uma educação conservadora tira do sujeito a sua autonomia, o saber fazer não é importante, mas sim compreender o fazer. Se o sujeito faz de forma obediente, sem questionamento e reflexão, não se contribui para um saber consciente. Sabemos que o ensino não se reduz ao fazer e sim ao processo de compreender este fazer, e é por meio do questionamento, da dúvida, da observação que se inicia a busca do conhecimento, da consciência crítica que cada sujeito tem e pode alcançar.

Neste sentido, o sujeito sai de uma educação baseada no conservadorismo e caminha para a visão crítica compreendendo o seu lugar no mundo, buscando se ver como sujeito sócio-histórico e não como objeto de uma sociedade desigual.

Libâneo (2010) aborda algumas definições clássicas de educação. Apresentamos a seguir alguns de seus apontamentos.

As concepções naturalistas, também chamadas inatistas, atribuem primazia aos fatores biológicos do desenvolvimento. A influência externa vinda de fatores sociais, culturais, agiria apenas como reguladora do ritmo e da manifestação de processo interno inatos (LIBÂNEO, 2010 p. 74).

Sabemos que a criança não nasce pronta e acabada, cheia de conhecimento, mas sim, que se faz necessário os fatores externos para ir se constituído como sujeito sócio- histórico ao logo da vida, ou seja, ela precisa vivenciar seu contato com o mundo externo para que esse desenvolvimento aconteça. Neste sentido, a visão inatista de educação apresenta fragilidades e não corresponde ao processo de educação que considera o meio do qual o sujeito faz parte como elemento definidor do seu processo de desenvolvimento.

O conhecimento é acessível ao homem desde o momento do seu nascimento e a ampliação da competência cognitiva historicamente tem aumentado qualitativa e quantitativamente, propiciando-lhe uma melhor compreensão do mundo real, e auxiliando a formação do cidadão.

Concordamos com Mesquita (2005) ao afirmar que:

A estrutura fisiológica humana, aquilo que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, que se faz e se refaz no ambiente social. As características individuais (modo de agir, visão de mundo, conhecimentos etc.) dependem da interação do ser humano com o meio físico social. A interação do indivíduo com o meio social é inegável e condicional para a aquisição do conhecimento e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento (p.12).

Logo, o processo da construção do conhecimento se dá ao longo da vida e é mediado pelas diferentes situações nas quais o homem se submete. Lembremos que a educação é um destes processos.

Para Pestalozzi,

A ideia da educação elementar nada mais é que o propósito de conformar-se com a natureza para desenvolver e cultivar as disposições e as faculdades da raça humana[...]. A educação verdadeira, a educação segundo a natureza, conduz por sua essência a aspirar à perfeição, a tender à realização das faculdades humanas [...]. Cada uma dessas faculdades se desenvolve-se segundo leis eternas imutáveis; e seu desdobramento não é conforme à natureza senão na medida em que concorda com as leis eternas de nossa própria natureza (PESTALOZZI, in: CHATEAU, 1978 p. 217)

Para Libâneo, (2010 p.74), “A finalidade da educação seria trazer à tona “Tirar para fora”, o que já existe na natureza do indivíduo”. Impossível tirar para fora algo que não vivenciou, portanto, suas experiências com o mundo externo se fazem necessárias para que te fato isso ocorra.

As concepções pragmáticas, “concebem a educação como um processo imanente ao desenvolvimento humano, cujo resultado é a adaptação do indivíduo ao meio social”. (LIBÂNEO, 2010 p. 75). A partir dessa concepção, podemos analisar que o indivíduo é orientado pelo seu próprio organismo, suscitados pelo ambiente físico e social, ou seja, movido pela necessidade do organismo interno. E que através dessas experiências vai desenvolvendo suas funções cognitivas.

Segundo Libâneo, “Esta concepção recusa toda orientação externa ao processo educativo, já que a finalidade da educação se confunde com o processo de desenvolvimento” (2010 p. 75). Se é o desenvolvimento natural responsável pelas habilidades do sujeito não faz sentido a educação, porque ele mesmo se educa. De fato, não podemos analisar o desenvolvimento humano nessa perspectiva, porque necessitamos da ação externa posta no meio social, cultural e político, para aprimorar nosso desenvolvimento como sujeito e a educação está inserida nesta ação, na busca do conhecimento humano e suas experiências com o mundo.

As concepções espiritualistas, “concebem a educação como um processo interior, o qual cada pessoa vai se aperfeiçoando, mas são necessárias as verdades ensinadas de fora, que diz como o homem deve ser” (LIBÂNEO, 2010, p.75), ou seja, o homem é induzido pelos valores morais através de uma doutrina religiosa, que cobra dele uma perfeição de homem que a própria doutrina não consegue alcançar. Sabemos que é somente uma maneira de controlar seus fiéis, usando a fé para manter uma falsa ideologia de perfeição.

Segundo Libâneo:

Para a pedagogia católica, a educação busca o fim último da vida, que é regenerar o homem corrompido pelo pecado original, preparando-o para a vida eterna. Para isso, cabe à educação atualizar disposições existentes potencialmente no aluno, cultivando suas faculdades mentais para atingir o ideal de perfeição, cujo modelo é Cristo (2010, p.75).

Através dessa concepção, a verdadeira educação é espelhada no comportamento moral de seus sujeitos, para um determinado fim que é a salvação da alma. Porém, a educação não está

voltada só para o ideal de perfeição, sabemos que para chegar a determinado lugar, precisaremos dos erros, das dúvidas, dos questionamentos das reflexões.

Com este movimento, saímos do concreto para o abstrato, da lógica à razão. Para ser sujeito inserido no tempo, no espaço, no mundo no qual ele faz parte, respeitando o direito de ir e vir e tendo o direito de aprimorar seu desenvolvimento humano, enquanto sujeito sócio-histórico, o homem passa pelo processo educacional. Neste sentido, a concepção de educação baseada na pedagogia católica desconsidera o homem real, contraditório, fruto das relações sociais que são carregadas de contradições.

Para Cunningham “Educação é um processo de crescimento e desenvolvimento pelo qual o indivíduo assimila um corpo de conhecimentos, demarca seus ideais e aprimora sua habilidade no trato dos conhecimentos para a consecução de grandes ideais” (1975, p.9). Percebemos de acordo com o autor a importância do conhecimento para a formação do indivíduo, ou seja, sem conhecimento sólido não se contribui para uma formação capaz de compreender e superar desafios.

Habilidades essas que o conhecimento científico traz para a vida do sujeito através de suas experiências é reflexão que os levam a busca do saber, da autonomia e do pensamento reflexivo. Ou seja, o ensino é para além de moldar o comportamento humano, se constitui na construção de saberes que exercem a transformação do sujeito, para a soluções de problemas relacionados à vida em toda sua origem, seja individual ou coletiva, suas ações são reflexivas, dialogadas, problematizadas, na busca de soluções para a vida em sociedade.

As concepções culturalistas consideram que “a educação é uma atividade cultural dirigida à formação dos indivíduos, mediante a transmissão de bens culturais que se transformam em forças espirituais internas no educando” (LIBÂNEO, 2010, p. 76), portanto sabemos que a cultura também faz parte da vida externa do sujeito, mas há diferentes culturas dentro de uma sociedade formada por classes sociais diferentes.

Libâneo nos chama atenção para, como se realiza a educação, enquanto processo educativo. Para ele:

O processo educativo realiza o encontro de duas realidades: a liberdade individual, cuja fonte é a vida interior, e as condições externas da vida real, o mundo objetivo da cultura. Apropriando-se dos valores culturais, o indivíduo forma sua vida interior, sua personalidade e com isso pode criar mais cultura. (2010, p. 76).

Sabemos que o processo educativo realiza essa liberdade individual, mas para apropriar-se dos valores culturais o sujeito precisa ter acesso a essa cultura, quando pensamos nas hierarquias que há em uma sociedade que se diz democrática, nos deparamos com uma cultura

dividida em duas partes: uma para a classe trabalhadora e outra para a elite. Essa é uma das diferenças entre cultura elitizada e cultura popular, uma que se diz letrada e outra de costumes.

Ambas são importantes e todos devem ter acesso a elas, para que possa criar mais cultura. Ou seja, toda cultura faz parte do crescimento interno e externo do educando em seu desenvolvimento humano. Godoy e Santos, nos trazem uma visão de Giroux, o qual cita Hall. O excerto nos mostra o lugar da cultura na vida social.

Segundo Giroux (1986), nas revisões feitas na teoria marxista, na década de 1970, o capital cultural passa a ocupar um lugar privilegiado que, antes, era ocupado, unicamente, pelo capital econômico. A centralidade da cultura não significa que ela é uma dimensão epistemologicamente superior às demais dimensões sociais, tais como a política, a econômica, a educacional, mas que atravessa toda e qualquer prática social. Essa centralidade indica “a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (HALL, 1997, p. 5). (GODOY, SANTOS, 2014, p. 16-17).

Nesse sentido, sabemos o quanto é importante a relação humana com a cultura e com o seu valor cultural, o contato entre as diversidades culturais, sejam sociais, econômica, política e educacional.

As concepções ambientalistas, “São as que jogam no ambiente externo toda a força de atuação sobre o indivíduo para configurar sua conduta às exigências da sociedade” (LIBÂNEO, 2010, p. 76-77), Contudo sabemos que para o desenvolvimento desse sujeito a sociedade precisa ser democrática e não pensar que seus membros possam ser controlados, como se fossem coisas, objetos de uso. Sabemos que o ambiente externo é fundamental para o desenvolvimento humano, mas a sociedade precisa dar condições para que esse ambiente seja favorável para essa nova geração e que propicie condições para a aprendizagem. Há que se considerar que os fatores internos, subjetivos também vão interferir no processo educativo. Não se pode defender uma concepção que não considere tais fatores.

Em relação ao conhecimento socialmente construído, por meio de processos educacionais diferentes, em espaços temporais e históricos distintos, não se pode esquecer ou desconsiderar os antigos saberes. Nada começa do zero, há um processo histórico, por esta razão a educação é um processo contínuo. O novo saber é resultado de uma reflexão e muitas vezes de uma crítica ao velho, que se constitui pelo processo dialético.

“Outra corrente ambientalista é a que vem do behaviorismo, pelo qual o homem é um ser moldável, e por isso suas características se desenvolvem mediante a ação do ambiente externo” (LIBÂNEO, 2010, p. 77). Segundo essa concepção o homem é um ser sem autonomia, algo que pode ser transformado conforme a vontade do ambiente em que ele vive,

sem levar em conta seus sonhos e sua particularidade, como indivíduo do meio em que vive. “A educação seria a organização de situações estimuladoras pelas quais se controla o comportamento das pessoas, sem considerar seu raciocínio, seus desejos e fantasias, seus sentimentos e as formas como são apropriados os conhecimentos” (DAVIS & OLIVEIRA, 1990, p. 33).

Para Durkheim:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados, físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança particularmente se destina (1967, p. 41).

Segundo esse autor, a educação é dívida conforme as necessidades da sociedade em que elas estão destinadas, no sistema capitalista na qual estamos inseridos, a desigualdade chega ser desumana, e se considerarmos que esta sociedade está dividida em classes sociais distintas, com interesses distintos, acaba-se por defender educações distintas, ou seja para os ricos e para os pobres, para aqueles que dominam o modo de produção e para aqueles que vendem sua força de trabalho aos donos do capital. Olhando por esse lado uns nascem para servir e outros para mandar e ainda tem aqueles que nascem e nem são vistos por essa sociedade, os invisíveis, oprimidos por um sistema que os anulam.

As concepções interacionistas, apoiam-se no desenvolvimento do sujeito na interação com o ambiente ligando seu desenvolvimento a sua herança genética. Sua função intelectual, através de suas experiências, o sujeito irá adquirir no decorrer de sua vida.

Segundo Libâneo:

Por sua vez evitam a polarização entre ação educativa externa e a atividade interna dos sujeitos. A explicação interacionista para o processo educativo afirma que, o ser humano se desenvolve tanto biológica como psiquicamente na interação com o ambiente, implicando a interação entre o sujeito e o meio (2010, p. 77).

Nesse sentido, o meio é fundamental para o desenvolvimento individual e sua interação com o ambiente enriquece suas funções intelectuais.

De acordo com Libâneo:

As várias versões de concepções interacionistas (Piaget, Wallon, Vygotski entre outros) se diferenciam quanto à ênfase que dão à iniciativa do sujeito diante do meio ou do papel mais efetivo do meio na modificação do sujeito. Mas há um núcleo básico do interacionismo comum a elas: a aprendizagem é um processo interativo em que os sujeitos constroem seus conhecimentos através da sua interação com o meio, numa inter-relação constante entre fatores internos e externos (2010, p. 77).

Porém uns defendem o individualismo, outros o ambiente e a interação com ele, são muitos questionamentos, o fato é que ambos fazem parte do processo.

Em suas conclusões, Libâneo nos informa que:

Seja como for, as definições que apresentamos se movem em torno de uma visão individualista e liberal de educação, ora passando ao largo dos vínculos entre o processo educativo e as condições históricas e sociais em que se assenta a organização da sociedade, ora tomando a sociedade e as relações sociais como algo consolidado e estático (2010, p. 78).

Assim, a educação se torna individualista de acordo com a necessidade do meio em que esses indivíduos vivem. A centralidade nestas concepções recai sobre o indivíduo ou sobre a sociedade e não entre a relação entre o homem e a sociedade, perpassada por vários fatores internos e externos, subjetivos e objetivos. Tais concepções, como assevera Libâneo (2010), desconsideram o movimento do processo histórico que é dialético, uma vez que acreditam na imutabilidade desta relação.

Vamos partir agora para uma visão crítica de educação a partir de Libâneo (2010, p. 78), ao tratar da compreensão da educação a partir de uma visão crítica, o autor nos aponta que “A superação da antinomia entre vida e ideal não pode se dar no âmbito apenas da individualidade, pois tanto a esfera do individual quanto a esfera do ambiente acham-se vinculadas a condições concretas de vida material e social”.

Libâneo acrescenta que:

O processo educativo é um fenômeno social, enraizado nas contradições, nas lutas sociais, de modo que é nos embates da práxis social que vai se configurando o ideal de formação humana. Isso significa que a tarefa da reflexão pedagógica é a de superar a antinomia entre fins individuais e fins sociais da educação (2010, p. 78).

Segundo o autor “Esta é a ideia-chave de outra das concepções clássicas de educação, a concepção histórico-social, desenvolvida dentro da tradição socialista-marxista.

A concepção histórico-social, nessa perspectiva, vê o sujeito como um ser que sofre com as transformações políticas ligadas à vida social. É ver a necessidade de mudança do homem em meio a sociedade, a fim de modificar seu lugar no sistema em que vive.

Na pedagogia histórico-crítica, de acordo com Saviani:

a questão educacional é sempre referida ao problema do desenvolvimento social e das classes. A vinculação entre interesses populares e educação é explícita. Os defensores da proposta desejam a transformação da sociedade. Se este marco não está presente, não é da pedagogia histórico-crítica que se trata (2011, p. 72).

Portanto, sabemos que a pedagogia histórico-crítica está relacionada ao desenvolvimento do sujeito, entorno de uma visão crítica que possibilita se ver como sujeito em meio a sociedade, defende uma educação democrática e científica e não na divisão da sociedade, mais sim em sua totalidade. Ou seja, o sistema capitalista classifica sua sociedade em classes

sociais, os dominantes e os dominados, porém a educação não pode fazer parte desse jogo de manobra, que por traz de uma ideologia falsa de educação, transforma o sujeito em alienados.

Podemos também compreender as bases que fundamentam esta concepção de educação:

Em outros termos, o que eu quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica é o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana (SAVIANI, 2011, p. 76).

Sendo assim, o materialismo histórico como uma visão crítica, compreende que a sociedade deve ser interpretada a partir das condições objetivas pelas quais o homem faz a sua história. A educação nesta perspectiva é um processo que prepara o homem para, de formar consciente, compreender as contradições da sociedade estratificada em classes sociais. A escola, locus importante da construção e sociabilização do conhecimento, não pode apenas formar mão-de-obra, mas sim um cidadão partícipe e ciente do seu lugar nesta sociedade. A escola que não reconhece o homem como sujeito histórico, acaba por difundir uma educação na qual o sujeito não precisa pensar muito e sim aprender a fazer, para garantir um emprego, e contribuir para o crescimento econômico de seu país, não o dele, mas das classes dominantes.

De acordo com Libâneo:

A educação abrange o conjunto das influências do meio natural e social que afetam o desenvolvimento do homem na sua relação ativa com o meio social. Os fatores naturais como o clima, a paisagem, os fatores físicos e biológicos, sem dúvida exercem uma ação educativa. Do mesmo modo, o ambiente social, político e cultural implica sempre mais processos educativos, quanto mais a sociedade se desenvolve. Os valores, os costumes, as ideias religião, a organização social, as práticas de criação de filhos, os meios de comunicação sociais são forças que operam e condicionam a prática educativa (2010, p. 87).

Essa educação é de fato um conjunto que ajuda na formação humana, mesmo sendo “não intencional, não sistemático, não-planejado” (LIBÂNEO, 2010, p. 87), ela conduz a vida em sociedade e em sua função social.

Torna-se importante avançarmos um pouco acerca das modalidades da educação ou formas de educação, como Libâneo apresenta. No item a seguir discutiremos sobre estas “educações”.

1.2- Educação formal, e não-formal

Para Libâneo:

Entretanto não podemos confundir a educação não-intencional, informal, com a totalidade do processo educativo. O processo de socialização não se identifica com o

processo educativo, especialmente quando este assume formas intencionais, sistemáticas, não apreender esta diferença é cair no sociologismo que atende a ver a educação exclusiva unilateralmente, apenas como um processo decorrente da participação direta na vida social (2010, p. 87).

A educação é para além de preparar para o trabalho, é transformar o sujeito em um ser pensante e crítico da vida social que faz parte, é desenvolver suas capacidades intelectuais em busca da dúvida para chegar a uma solução. Olhar o mundo e se ver nele, buscando alcançar ideais em favor de todos, um recomeço que não esquece do “passado” está no “presente” e na busca do “futuro”, da transformação do sujeito e do meio social.

De fato, o desenvolvimento requer mudanças perante as ações políticas, uma sociedade em constante mudança necessita de políticas públicas que sejam capazes de diminuir as diferenças sociais, propiciar o desenvolvimento econômico, social, cultural para todos. Entretanto, o que muitas vezes constatamos são políticas que atendem aos interesses de determinada classe social. Neste campo de disputa, as classes menos favorecidas economicamente ficam desprotegidas de políticas capazes de minimizar estas diferenças. “A complexificação da vida social e cultural da modernização das instituições, do progresso técnico, da necessidade de cada vez maior número de pessoas participarem das decisões que envolvem a coletividade” (LIBÂNEO, 2010, p. 87). Ou seja, uma sociedade não se constrói na individualidade.

Libâneo diz que a sociedade Moderna defende uma educação, consciente e crítica das ações que envolvem a sociedade.

A sociedade moderna tem uma necessidade inelutável de processos educacionais intencionais, implicando objetivos sociopolíticos explícitos, conteúdos, métodos, lugares e condições específicas de educação, precisamente para possibilitar aos indivíduos a participação consciente, ativa, crítica na vida social global (2010, p. 87).

Nesse sentido, a interação do sujeito com os fatos históricos e atuais, precisa dar sentido a um conjunto de conhecimentos, a fim de ampliar suas experiências no mundo, no qual precisa também tomar decisões.

De acordo com Libâneo, “a educação não-formal é a mesma coisa que educação informal, não intencional”, nesse sentido a reflexão a respeito de suas funcionalidades requer um olhar mais atento. O autor aponta uma reflexão sobre a educação forma e a informal. Vejamos:

A educação de adultos, a educação sindical, política etc., por se darem fora do âmbito da educação escolar convencional, não teriam também caráter “Informal”. A recusa que se faz do caráter intencional e formal da educação, por ver os sempre um caráter ideológico é classista, não levaria a que as formas não convencionais ou alternativas de educação postulassem um romântico retorno à “comunidade pura”, onde a educação seria outra vez difusa, espontânea, informal? (2010, p. 88).

Sabemos nós que a educação não pode ser baseada em uma mera fotocópia de ações, e sim, em ações reflexivas e dialogadas, a fim de levar o sujeito a se ver como parte do mundo, a inovação, a criatividade, a dúvida, a problemática precisam ser inseridas de forma ampla na vida do sujeito para que sejam desenvolvidas suas habilidades não só como repetições, mas sim como protagonista e não como meros fantoches. Nesse sentido tanto a formal quanto a informal são ações educativas que contribuem no desenvolvimento de uma sociedade.

A educação formal, segundo Libâneo “seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática” (2010, p. 88-89). Ou seja, aquela que tem intencionalidade para um determinado fim.

De acordo com Libâneo:

Nesse sentido “entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal. As atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco da escolar propriamente dito (2010, p. 88/89).

A educação não formal “São aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas” (LIBÂNEO, 2010 p. 89). São ações educativas fora da escola, mas que contém um grau de desenvolvimento de seus sujeitos. Mas dentro da escola há também a educação não formal, que faz parte dos conhecimentos completos, mas com intencionalidade formal.

De acordo com Libâneo:

Os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc. Na escola são práticas não-formais as atividades extraescolares que provêm conhecimentos complementares, em conexão com a educação formal (feiras, visitas etc.), (2010, p. 89).

Assim, à educação está ligada com o desenvolvimento de seus sujeitos, não podemos negar nenhum tipo de educação que nela não haja intencionalidade educativa. “Considera-se pois equivocados, o entendimento de que formas alternativas de educação se constituem como não-formais ou informais” (SAVIANI, 2010, p. 89).

Independente se a educação é informal ou não-formal, para Libâneo a escola não pode desconsiderar sua ligação com estas modalidades educativas.

É preciso ver as modalidades de educação informal, não-formal, em sua interpretação. A escola não pode eximir-se de seus vínculos com a educação

informal e não-formal: por outro lado, uma postura consciente, criativa e crítica ante os mecanismos da educação informal e não-formal depende, cada vez mais, dos suportes da escolarização. Não levando em conta esta interpretação, expressando o movimento de intercruzamento entre as diversas modalidades de educação, cai-se em posições sectárias que só contribuem para a divisão da ação dos educadores (2010, p. 89).

Contudo, sabemos que se os profissionais da educação precisam se atentar a esses intercruzamentos, para que haja o alcance dos objetivos da educação escolar. Os profissionais da educação precisam estar conscientes que as atividades da educação informal podem e devem se articular com aquelas voltadas para o ensino escolar que possuem sua intencionalidade, sua finalidade última na aprendizagem de seus educandos. Ou seja, não podemos nos eximir do verdadeiro sentido da aprendizagem e do sentido verdadeira da escola. O conceito de educação é para além do assistencialismo, a educação é sim o caminho para a conscientização e a libertação do homem, diante dos fatos relacionados à vida em sociedade.

De acordo com Álvaro Vieira Pinto (1993, p. 29), “deixaremos de lado as numerosas definições eruditas”. Vamos ver agora dois conceitos de educação, segundo o autor.

Em significado restrito, o da pedagogia clássica, convencional, sistematizada, refere-se à educação às fases infantil e juvenil da vida do ser humano. Não se deve, no entanto, reduzi-la a esses limites. Seria um erro lógico, filosófico e sociológico. Em sentido amplo (e autêntico) a educação diz respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos. Desta maneira deve-se justificar lógica e sociologicamente o problema da educação de adultos. Daqui deriva a verdadeira definição de educação (1993, p. 29).

No sentido restrito, a educação está voltada para os anos iniciais da vida humana até sua juventude, mas sabemos que a educação se faz em um sentido linear, ele aprende no decorrer de seu amadurecimento. Já para o sentido amplo, a educação vista em sua totalidade, no desenvolvimento do homem diante do mundo, nas questões sociais, culturais, políticas e econômicas. A educação também faz parte da vida adulta, ou seja, somos educados a partir do nascimento até a morte.

Segundo Pinto, a educação social pode ser concedida como:

A educação é um processo histórico de criação do homem para a sociedade e simultaneamente de modificação da sociedade para benefício do homem a) O homem é por essência um ser inacabado, pois se constitui a si mesmo ao longo de sua existência social. A sociedade configura todas as experiências individuais do homem, transmite-lhe resumidamente todos os conhecimentos adquiridos no passado do grupo, e recolhe as contribuições que o poder criador de cada indivíduo engendra e que oferece à sua comunidade. Neste sentido, a sociedade cria o homem para si. b) Mas, sendo o homem um ser livre e criador (por suas faculdades intelectuais) de cultura, as criações que produz, as inovações técnicas, artísticas, as ideias originais que descobre são incorporadas à cultura geral do grupo e logo transmitidas a outros indivíduos (da mesma ou das gerações seguintes) que não as descobriram. Vão ser parte da educação desses novos membros da sociedade, e deste modo o saber e a cultura se desenvolvem e a educação se revela como um processo expansivo incessante. O homem, educado pela sociedade, modifica esta mesma

sociedade como resultado da própria educação que tem recebido dela. Nisso consiste o progresso social, no processo de auto geração da cultura (1993, p. 30-40).

Portanto, estar em meio a está cultural social, dos legados deixados pelas gerações passadas leva o homem a criar novas descobertas que serão úteis para a sociedade, a cultura passada é fundamental para a orientação dessa nova geração, que busca por desafios que ainda não foram superados. Sendo assim a sociedade se configura também como mediadora de conhecimentos.

Para Pinto, a sociedade é uma mediadora de cultura, entre educador e o educando, portanto:

a sociedade desempenha um papel de mediação entre os homens no processo de criação e transmissão da cultura, no qual consiste na educação. Entre o educador e o educando se interpõe a sociedade, que, de uma parte constitui o educador (e o institucionaliza) para educar, e de outra, pressiona o educando para educar-se. Mas essa transmissão da cultura pela educação, justamente porque supõe a mediação (dialética) da sociedade, na realidade, pelo trabalho concreto dos homens, não é mecânica, e por isso o saber não se comunica inalterado de um indivíduo ao outro. Ao contrário, na passagem de um ao outro, altera-se, torna-se maior pela contribuição da criação intelectual do educador, recebida pela sociedade e considerada por ela como um acréscimo indispensável para ser comunicado ao educando (1993, p. 40).

Assim, podemos dizer que para a formação docente se faz necessário que o docente tenha clareza de seu ato como mediador, não somente como aquele que transmite o conhecimento, mais seja um eterno estudioso não se retendo só nas práticas sociais, assim, precisam ampliar suas capacidades intelectuais para auxiliarem seus educandos.

De acordo com Pinto,

o conteúdo da educação não está constituído somente pela "matéria" do ensino, por aquilo que se ensina, mas incorpora a totalidade das condições objetivas que concretamente pertencem ao ato educacional; assim, são parte do conteúdo da educação: o professor, o aluno, ambos com todas suas condições sociais e pessoais, as instalações da escola, os livros e materiais didáticos, as condições locais da escola, etc. Não aceitar este ponto de vista, é deliberadamente se colocar à margem do mundo real, e raciocinar sobre uma reduzida e arbitraria abstração (a "matéria" do ensino), (1993, p. 42).

Portanto, os conjuntos de fatores que envolvem o ensino têm que ser observados pelo educador, ser atento a essas questões possibilitará uma interação com os fatos reais que cerca a educação, seja cultural, social, política, econômica, de modo que o leve a conhecer seu ambiente de trabalho e como desempenhará esse trabalho em frente a essas questões.

Segundo Pinto o educador deve ser:

O portador da consciência mais avançada de seu meio (conjuntamente com o filósofo, o sociólogo). Necessita possuir antes de tudo a noção crítica de seu papel, isto é, refletir sobre o significado de sua missão profissional, sobre as circunstâncias que a determinam e a influenciam, e sobre as finalidades de sua ação (1993, p. 48).

Sabemos, que para ser mediador, o educador precisa repensar seu papel crítico e refletir sobre suas ações, sua missão e finalidades dentro do contexto educacional.

CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE E A FORMAÇÃO DOCENTE

Neste capítulo vamos continuar a compreender o conceito de educação, agora trazendo as contribuições de Paulo Freire.

A escolha em dar maior destaque a Paulo Freire não foi aleatória, como informamos na Introdução deste trabalho. Da mesma forma que a obra de Paulo Freire escolhida como objeto de estudo “Educação como prática da liberdade” passou por critério científico como bem detalhamos no início desta monografia.

Desta forma, além de discorrermos sobre o conceito de educação para Paulo Freire, vamos buscar compreender e identificar como este conceito aparece nesta obra e qual a contribuição de Paulo Freire para a formação de professores/as.

Como pretendemos relacionar a obra de Paulo Freire ao conceito de educação e formação docente, não poderíamos deixar de trazer, ainda que de forma breve, a Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, que trata das Diretrizes de Formação de Professores. Cabe dizer que esta Resolução avança no sentido de também contribuir na formação continuada dos professores que atuam na Educação Básica brasileira.

Sabemos que é de suma importância compreender a importância do conceito de educação, bem como as Diretrizes. Optamos pela Diretriz de 2015, por ainda estar em vigência e a que é assumida no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, do qual está pesquisadora é estudante. A educação é um desafio, no entanto a consciência profissional desses profissionais requer dedicação e estudos para além da universidade.

2.1 Educação: processo formativo para a vida

O conceito de educação que esta pesquisadora vem construindo, pode ser descrito a partir do conceito de educação de Saviani:

[...] é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, ou seja, deve-se identificar os elementos culturais que precisam ser assimilados, distinguindo entre o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório, observando a organização dos meios, por meio dos quais, progressivamente, cada indivíduo singular compreenda a humanidade produzida historicamente (1991, p. 13-14).

De acordo com Paulo Freire, educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como na prática pedagógica proposta. A concepção de educação de Paulo Freire percebe o homem como ser autônomo. Esta autonomia está presente na definição de vocação antológica de “ser mais” que está associada com a capacidade de transformar o mundo (ZACHARIAS, 2007).

Uma relação educativa intersubjetiva entre sujeitos que ensinam e aprendem em comunhão, “mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Tem como pressuposto articulador o diálogo. Ao contrário da educação bancária, a educação problematizadora é dialógica, visto que:

para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica (FREIRE, 1987, p. 39).

Outros autores fundamentados na teoria freiriana, reforçam a importância do diálogo na relação humana e no processo de aprendizagem. Para Mariani e Carvalho o diálogo é fundamental enquanto fonte geradora de reflexão, vejamos:

O diálogo tem como característica intrínseca a aproximação, ou união entre pessoas com um claro interesse comum de busca. Não há diálogo se não houver a cumplicidade de interesses, se não houver comunhão de objetivos. “O diálogo é a fonte geradora de reflexão, e o encontro com o outro é a primeira condição da instauração do diálogo em sala de aula [...]” (CARVALHO, 2005, p. 69). E, precisamente, a relação dialógica estabelecida entre educador-educandos na perspectiva da educação libertadora tem como objetivo a libertação, a emancipação humana. Esse objetivo, que torna a relação professor aluno, uma relação de cumplicidade é por si, um ato amoroso. Só a dimensão da amorosidade humana pelo mundo e pelo próprio ser humano é capaz de oportunizar o diálogo educativo” (MARIANI, CARVALHO, 2009, p. 2.411).

O diálogo se faz presente em todas as esferas da vida humana, não seria diferente no ato de ensinar. O docente dentro ou fora da sala de aula necessita do diálogo para com seus alunos, isso ocorre com todas as partes que envolve a vida desse aluno, família, comunidade, Etnias, condição social e cultural, respeitando as diferenças e oportunizando esses alunos a um ensino dialógico e democrático.

Paulo Freire traz à tona seu espírito crítico, em relação a educação brasileira, não podendo deixar de dar sua contribuição a favor de um ensino democrático, sabendo que a educação foi sempre motivo de disputa de poder. Possibilitar seus educandos a pensar sobre esses fatos é dever do professor. Assim o ensino poderá ser considerado democrático se o docente tiver consciência de sua ação pedagógica como mediador, oportunizando ao estudante conhecimento político, social e cultural da sociedade.

Uma ação dialética com uma visão crítica em relação aos fatos, que se contrapõe a pedagogia tradicional, tecnicista, pragmática e autoritária. Transformando o que está posto em possibilidade que poderá levar o homem a se ver no mundo, indagar, movimentar e lutar por direitos que lhe são roubados extraídos de sua existência. Por isso se faz do diálogo a ferramenta principal do professor para uma formação libertadora.

Paulo Freire, destaca a importância da relação do homem com a realidade em sua obra, **Educação como prática da Liberdade**, ou seja, só quando estamos ligados a realidade e temos uma visão crítica do que está em nossa volta, podemos nos transformar e fazer coisas diferentes, criando e recriando o tempo todo.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 1967, p. 43).

Pensando na teoria freiriana e a importância da consciência dos docentes em sua formação, nos deparamos com muitos obstáculos, como a divisão de classe social que está entrelaçada à história da educação brasileira. Por um lado, os que têm possibilidade de um ensino de qualidade com acesso a ferramentas, técnicas e tecnologias que possibilitam os conhecimentos, uma vez que tais condições estão muito-próximas de sua realidade, contudo a classe trabalhadora, não tem esse mesmo aparato. Essa lógica está amparada sobretudo pelas políticas e as mudanças de políticas governamentais, ao jogo de poder e ao descaso pela educação, sabendo que um povo que pensa, luta por direitos e não aceita ser manipulado. Esta condição de consciência política se dá preferencialmente a partir de uma educação séria, compromissada com o sujeito que aprende, e se torna uma ameaça para elite brasileira.

Contudo sabemos que o currículo é uma forma de controlar tanto o sujeito que aprende como aquele que ensina. Em uma sociedade de classe, cujos interesses daqueles que dominam o modo de produção é sempre defendido pelo Estado, vamos ter um retrato social e escolar que evidencia a dualidade: se está a favor de alguém ou de algo, se está contra alguém ou algo.

Segundo Garcia (1999), a recente linha de investigação sobre a formação do professor ensinou-nos que os professores não são técnicos que executam instruções e propostas elaboradas por especialistas. Cada vez mais se assume que o professor é um construtivista,

que processa informação, toma decisões, gera conhecimento prático, possui crenças e rotinas, que influenciam a sua atividade profissional. “Considera-se o professor com ‘um sujeito epistemológico’, capaz de gerar e contrastar teorias sobre a sua prática” (GARCIA, 1999, p. 47).

Paulo Freire é um exemplo de sujeito epistemológico, ele conseguiu ver possibilidade onde ninguém acreditava, atentou-se no novo e transformou sujeitos que antes eram consideradas vazios. Por isso foi tão perseguido. Sua história de luta pela educação, pelos excluídos da sociedade que não podem ser esquecidos, é um marco na história educacional, tanto no Brasil como fora dele. Precisamos nos atentar e buscar suas referências, podendo agregar novos saberes a vida acadêmica. Para isso se faz necessário a formação continuada dos docentes.

Para Imbernón:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes (2001, p. 48-49).

Pensando na formação de professores nesta linha freiriana, reforçamos também a necessidade de uma formação continuada desse profissional:

A partir do pensamento de Freire, a formação continuada é concebida como um processo contínuo e permanente de desenvolvimento profissional do professor, onde a formação inicial e continuada é concebida de forma interarticulada, em que a primeira corresponde ao período de aprendizado nas instituições formadoras e a segunda diz respeito à aprendizagem dos professores que estejam no exercício da profissão, mediante ações dentro e fora das escolas, denominado pelo Ministério da Educação (MEC), de formação permanente (SILVA, ARAÚJO, 2005, p. 5).

Paulo Freire não traz a educação como um ato só pedagógico, mas sobre o fundamento de toda a sua práxis: a convicção de que o homem foi criado para se comunicar com outros. “Desta forma, a teoria cognitivista, no campo da formação continuada de professores, salienta a necessidade de desenvolver capacidades meta cognitivas e de fomentar a capacidade de aprender a aprender” (FREIRE, 2002, p. 68).

Ainda, de acordo com Paulo Freire, “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 7).

A formação de professores, está além de um simples julgamento do saber, está no conflito e nas reflexões do docente em relação a si mesmo. Isso requer consciência profissional, uma humanização desse profissional como sujeito que aprende e apreende com o outro.

Nesta direção, é preciso defender um processo de formação de professores em que as escolas sejam concebidas como uma instituição essencial para o desenvolvimento de uma democracia crítica e também para a defesa dos professores como intelectuais que combinam a reflexão e a prática, a serviço da educação dos estudantes para que sejam cidadãos reflexivos e ativos (GIROUX, 1997, p. 6).

A instituição educacional, quando democrática valoriza seus profissionais, para que ele se constitua como membro de sua gestão. Pensando nessa formação continuada temos alguns eixos segundo: Carvalho e Simões, que devemos agregar em nossa prática profissional. Vejamos:

(1) a socialização do conhecimento produzido pela humanidade; (2) as diferentes áreas de atuação; (3) a relação ação-reflexão-ação; (4) o envolvimento do professor em planos sistemáticos de estudo individual ou coletivo; (5) as necessidades concretas da escola e dos seus profissionais; (6) a valorização da experiência do profissional. Mas, também: (7) a continuidade e a amplitude das ações empreendidas; (8) a explicitação das diferentes políticas para a educação pública; (9) o compromisso com a mudança; (10) o trabalho coletivo; (11) a associação com a pesquisa científica desenvolvida em diferentes campos do saber” (ALVES, 1995 apud CARVALHO e SIMÕES, 1999, p. 4).

A educação não se faz sozinha, mas com toda as ações políticas que envolvem a educação. Paulo Freire é referência para essa formação crítica desses profissionais, a palavra educação como prática da liberdade, refere-se a autonomia, transformação, ser livre. Enfim, a educação transcendente ultrapassa a ignorância e liberta o homem. Ou seja, a educação só é libertadora, quando o sujeito se vê e se reconhece nesse processo de transformação, não se acomodando ou ficando estagnado no seu tempo, o docente não deve ser comparado a reprodutores de sujeitos vazios de si mesmo. Assim, Freire nos ensina que “O que teríamos que fazer, então, seria, como diz Paul Legrand, ajudar o homem a organizar reflexivamente o pensamento. Colocar, como diz Legrand, um novo termo entre o compreender e o atuar: o pensar” (FREIRE, 1984, p. 67-68).

Desta forma, o professor passa a ser um mediador, contribuindo na construção do conhecimento a partir do que faz. Para isso, o professor precisa ser curioso, buscando novas estratégias e metodologias de aprendizado, deixando-o de ser um lecionador para se tornar um organizador do conhecimento. Assim se tornando um aprendiz permanente, um organizador de ideias. De acordo com Gadotti não existe ensino-e-aprendizagem sem a formação adequada. “A estética não está separada da ética. E elas se farão presentes quando houver prazer e sentido no conhecimento que construímos. Por isso, precisamos também nos perguntar e saber o quê, por quê, como, quando, onde, com quem e para quê estamos aprendendo” (GADOTTI, 2010, p. 14).

2.2 O grande educador brasileiro: Paulo Freire

Paulo Freire, deixou seu marco na história da educação, sua contribuição e seu legado foi por uma educação voltada a todos. Conseguiu algo que seria impossível aos olhos de muitos, assim podemos dizer claramente, ele fez algo extraordinário.

Um marco histórico aconteceu em 1963, na cidade de Angicos, do interior do Rio Grande do Norte. Ali Paulo Freire recebeu o presidente da República do Brasil, em um evento de encerramento da alfabetização de uma turma. Transcrevemos parte do discurso do Presidente, João Goulart, citado por Cunha e Góes (2002):

Hoje, minhas senhoras e meus senhores, nestas classes, aprende a população pobre e analfabeta de Angicos as primeiras letras..., mas, acima de tudo, alunos e alunas jovens e adultos, todos estarão capacitados para ler também a grande Cartilha da República: a Constituição da nossa Pátria, que lhes fez cidadãos e que tem o dever de lhes proporcionar este mínimo de alfabetização (p. 21).

Podemos perceber que a compreensão de educação aqui já nos revela a importância de preparar o sujeito para a leitura do mundo, da sua realidade e do que faz parte de sua vida. Mas, algo mais interessante ocorreu neste dia. Como nos contam Cunha e Góes (2002), um aluno pediu a palavra e afirmou:

Naquele tempo anterior veio o presidente Getúlio Vargas matar a “fome da barriga” – que é uma doença fácil de curar. Agora, na época atual, veio o nosso presidente João Goulart matar a precisão da cabeça que o pessoal todo tem necessidade de aprendê. Temos muitas necessidades das coisas que nós não *sabíamos* e que hoje estamos sabendo. Em outra hora nós *era massa*, e hoje não somos massa, estamos sendo povo (p. 21).

De acordo com Cunha e Góes, a sociedade passava por mais uma transição, esse questionamento, nos leva a pensar o que somos, para que somos, quando chegamos a questionar como esse aluno fez é muito importante, pois refere-se a consciência crítica do sujeito essa visão de mundo de fazer parte dele e de estar nele, isso é necessário para o nosso desenvolvimento humano questionar o que é posto, nos leva a uma consciência crítica da realidade e com isso podemos tomar decisões coerentes.

Quando buscamos o conceito de educação segundo Paulo Freire, encontramos que: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE,1967, p. 97). Sendo assim, o ato educacional é muito mais do que transmitir conteúdos e sim dispor é desafiar a si mesmo, na busca por novas descobertas.

De acordo com Freire:

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de

temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (1967, p. 39).

Se o homem está no mundo e precisa se ver nele, a educação, por também fazer parte desse mundo, deve reconhecer a pluralidade dos homens. Neste sentido por meio das experiências com esse mundo, com suas diferenças e possibilidades distintas e pela interação com o outro é o que nos possibilita a transformação.

Por isso, à educação é essa troca e faz parte do nosso desenvolvimento sócio-histórico dos homens. Segundo Paulo Freire:

Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade (1967, p. 39-40).

Portanto, a singularidade de cada sujeito o leve a constituir suas ideias que são compartilhadas com o outro, assim, podemos dizer que tanto a pluralidade como a singularidade são importantes para o desenvolvimento humano, mas ressaltando que ambas se constroem em conjunto. Quando compartilhamos algo, ele já não pertence só o nos mesmos, a educação nesse sentido não pode ser privilégio de alguns, mas o direito de todos.

Para Paulo Freire:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (1967, p. 43).

Se a educação é um direito de todos, a relação do homem com a realidade, precisa ser reflexiva, para que ele veja a realidade e a possibilidade de criar e recriar sua própria história diante da realidade atual. A educação são marcas deixadas por homens que criaram, recriaram e tomaram decisões importantes, estudiosos que se propuseram a participar e deixar suas

contribuições em sua época histórica e assim contribuíram para que as novas gerações continuem essa jornada denominada como trabalho educativo.

De acordo com Paulo Freire:

Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza à proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que temas e tarefas já não correspondem a novos anseios emergentes, que exigem, inclusive, uma visão nova dos velhos temas (1967, p. 44).

Desse modo, a aprendizagem não consiste na acomodação do sujeito, mas na libertação desse homem, frente as problemáticas da vida humana, ou seja, a educação não pode parar no tempo, pois a cada experiência, há um novo recomeço. Mas, contudo, sabemos que as vezes retroceder é preciso, mas não como derrotados, é sim como um novo recomeço necessário para ampliar nosso conhecimento e nos ajudar nas tomadas de decisões.

Assim, falamos da transição de um tempo para outro, na perspectiva de uma educação crítica e consciente, “Por isso, também é que o momento do trânsito pertence muito mais ao amanhã, ao novo tempo que anuncia, do que ao velho. E que ele tem algo nele que não é dele, enquanto não pode ser do amanhã” (FREIRE, 1967, p. 48), ou seja, a educação também passa por esse trânsito e busca através da transição seu lugar no mundo, na cultura, na política, na sociedade, entre povos e etnias diferentes, dentre outros aspectos referente à vida humana.

Paulo Freire, refere-se à transição de um tempo para outro, de uma sociedade fechada, que em sua transição alienava seu povo, como aconteceu na industrialização, no avanço econômico, onde os sujeitos eram apenas mão de obra necessária para o desenvolvimento da nação.

Segundo Freire:

Neste momento, dividiam-se os homens e as instituições, num sentido amplo, que comportava categorias intermediárias, em reacionários e progressistas. Em homens e instituições que apenas estavam no trânsito e homens e instituições que não apenas estavam, mas eram do trânsito (1967, p. 49).

A educação sempre esteve em trânsito e faz parte desse trânsito, as vezes com avanço outras com retrocesso, parece até que estamos falando do mesmo tempo, mas não, são épocas diferentes, gerações diferentes assim comparando com a educação podemos dizer, se te fato a educação é para todos, por que nem todos tem acesso a ela. É aí que entra a visão crítica, saber onde estou e para que estou, precisamos refletir, diante do legado que é a educação na perspectiva freiriana.

De acordo com Paulo Freire:

Não pode acomodar-se passivamente diante do poder exacerbado de alguns que leva à desumanização de todos, inclusive dos poderosos. O grande mal, porém, estava em que, despreparado para a captação crítica do desafio, jogado pela força das contradições, o homem brasileiro e até as suas elites, vinham descambando para a sectarização e não para as soluções radicais. E a sectarização tem uma matriz preponderantemente emocional e acrítica. É arrogante, antidialógica e por isso anticomunicativa. É reacionária, seja assumida por direitista, que para nós é um sectário de “nascença”, ou esquerdista. O sectário nada cria porque não ama. Não respeita a opção dos outros. Pretende a todos impor a sua, que não é opção, mas fanatismo. Daí a inclinação do sectário ao ativismo, que é ação sem vigilância da reflexão. Daí o seu gosto pela sloganização, que dificilmente ultrapassa a esfera dos mitos e, por isso mesmo, morrendo nas meias verdades, nutre-se do puramente “relativo a que atribui valor absoluto” (1967, p. 50).

Certamente, não queremos entrar no jogo partidário e sim levar a clareza que fazemos parte de uma sociedade dividida em classe trabalhadora e a classe dominante. Se estamos falando de educação não podemos pensar em divisão, escola para pobre e escola para rico ou em conhecimento técnico ou em conhecimento científico. Queremos que os educadores, futuros profissionais da educação, pensem que o fazer educativo não pode ser dividido tem que ser democrático, ajustado e crítico, com o intuito de levar seus educandos a se humanizar.

Paulo Freire deixou claro que no processo educativo, há que se considerar:

Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (1967, p. 103).

Na perspectiva de Paulo Freire, a educação se faz por meio do diálogo. Assim, temos o diálogo entre homens. Os saberes destes homens se entrecruzam, se complementam. Eu sei aquilo que o outro não sabe e o outro sabe aquilo que eu não sei. Nesse processo sistemático e contínuo os homens vão se educando e se constituindo homens em um determinado tempo histórico.

2.3 As Diretrizes da Formação docente e sua relação com Paulo Freire

Iremos ressaltar também a importância da docência, formação inicial e continuada dos profissionais da educação, segundo as Diretrizes de Formação de Professores, Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015.

De acordo com o Art. 2º inciso 1º, podemos extrair a competência do professor e, portanto, o objetivo de sua formação:

§ 1º Compreende-se à docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do

conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo (BRASIL, 2015, p. 3).

Assim, podemos perceber que ação educativa acontece por meio do diálogo entre o educador, o educando e a instituição de ensino, com objetivo de ampliar seus conhecimentos e suas inovações, com intencionalidade. Verificamos que a docência é uma ação educativa, em um processo contínuo. Formar um professor significa permitir-lhe a apropriação de conhecimentos e valores, uma formação sólida que o capacite a compreender, interpretar e analisar o mundo. Paulo Freire nos mostrou isso ao dizer que:

A fim de construir sua sociedade com “suas mãos”, os membros de um grupo devem possuir considerável experiência e conhecimento da coisa pública (public administration). Necessitam, igualmente de certas instituições que lhes permitam participar na construção de sua sociedade. Necessitam, contudo de algo mais do que isto, necessitam de uma específica disposição mental (frame of mind), isto é, de certas experiências, atitudes, preconceitos e crenças, compartilhados por todos ou por uma grande maioria (FREIRE, 1967, p. 81).

Conforme o Art. 3º das Diretrizes (2015),

A formação inicial e à continuada destinam-se, respectivamente, à preparação e ao desenvolvimento de profissionais para funções de magistério na educação básica em suas etapas – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e modalidades – educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e técnica de nível médio, educação escolar indígena, educação do campo, educação escolar quilombola e educação a distância – a partir de compreensão ampla e contextualizada de educação e educação escolar, visando assegurar a produção e difusão de conhecimentos de determinada área e a participação na elaboração e implementação do projeto político-pedagógico da instituição, na perspectiva de garantir, com qualidade, os direitos e objetivos de aprendizagem e o seu desenvolvimento, a gestão democrática e a avaliação institucional (BRASIL, 2015, p. 3).

Dessa maneira, o profissional da educação básica precisa ter noção de suas atribuições, sem se isentar de suas obrigações e deveres diante de sua função como docente. Sabendo que sua participação para determinadas áreas de ensino, precisa de seu compromisso e conhecimento. Na obra de Paulo Freire ele nos chama a atenção para a importância da educação e, portanto, do compromisso daquele que se prepara para a docência:

Queremos salientar que, ao criticarmos a educação inadequada às novas condições do processo brasileiro, estamos advertidos do fato de não dever ser encarada a educação ingenuamente, como algo milagroso, que por si fizesse as alterações necessárias à passagem da sociedade brasileira de uma para outra forma. Porém, o que não se pode negar à educação, é a sua força instrumental, que inexistirá se superposta às condições do contexto a que se aplica. Vale dizer, por isso mesmo que, sozinha, nada fará, porque, pelo fato de “estar sozinha”, já não pode ser instrumental. Por isso, se insiste em não corresponder à dinâmica destas outras forças de transformação do contexto estrutural, se torna puramente ornamental e, mais uma vez, ininstrumental (FREIRE, 1967, p. 88).

A leitura das Diretrizes para Formação de Professores (2015), nos mostra a importância de uma formação docente sólida, com qualidade e articulada. Recorremos ao Art. 4º para compreender que:

Art. 4º A instituição de educação superior que ministra programas e cursos de formação inicial e continuada ao magistério, respeitada sua organização acadêmica, deverá contemplar, em sua dinâmica e estrutura, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão para garantir efetivo padrão de qualidade acadêmica na formação oferecida, em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), o Projeto Pedagógico Institucional (PPI), e o Projeto Pedagógico de Curso (PPC), (BRASIL, 2015, p. 5).

Segundo as Diretrizes, a universidade deverá oferecer aos seus discente, um ensino de qualidade para a formação inicial ou continuada com qualidade acadêmica devida. Para o desenvolvimento de suas habilidades como futuros profissionais, que já atua ou que atuará na área da educação. Ser professor não se reduz só a formação docente e sim ter conhecimento e analisar os fatos sociais, políticos, econômicos e culturais da sociedade, refletir para além da universidade.

Nesse sentido, para ser um bom profissional, o estudante deverá estar sempre antenado com as oportunidades acadêmicas, buscando sempre novas informações, ou seja, sempre no movimento de ir e vir relacionando os conhecimentos que já foram publicados e os que estão sendo construídos podendo ele fazer uma relação do seu saber com a dos demais. Ser um bom pesquisador é de suma importância para a formação do professor. A pesquisa nos permite conhecer o que já foi produzido, além de avançar para novos conhecimentos.

Para Paulo Freire:

saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza à proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas (1967, p. 44).

Esta atitude crítica de que nos fala Paulo Freire, remete-nos a uma atitude de buscar conhecer, não parar no tempo, mas considerar sempre a possibilidade da superação, com uma postura crítica diante da realidade.

A educação não pode ser voltada só para a formação profissional, mas sim para essa libertação que Paulo Freire descreve, quando o discente olha para a educação com a possibilidade de transformação humana, irá entender a verdadeira função de um professor, ser mediador, e não um reproduzidor de conteúdo. A partir dos ensinamentos de Freire, vamos compreender que a educação se realiza, através do diálogo entre aluno e professor, ambos fazem parte desse processo do saber.

Em seus escritos, em especial nesta obra que estudamos, podemos observar a valorização que Paulo Freire deu à pesquisa, ao conhecimento, à sólida formação para que os homens possam participar ativamente da sociedade da qual fazem parte.

Estas alterações — como salienta Fernando de Azevedo — teriam de refletir-se em toda a vida nacional. Juntar-se a outras tantas que se processavam no campo da cultura. No campo das artes. Da literatura. No campo das ciências, revelando uma nova inclinação: a da pesquisa. A da identificação com a realidade nacional, a do seu conhecimento. A da busca do planejamento, em substituição aos esquemas importados. Planejamento de que é exemplo o trabalho da SUDENE, (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) sob a direção do economista Celso Furtado, até antes do Golpe Militar (FREIRE, 1967, p. 83).

Por fim, trazemos o Art. 16 das Diretrizes que nos apresenta uma concepção de que a educação é um processo e não se esgota:

A formação continuada compreende dimensões coletivas, organizacionais e profissionais, bem como o repensar do processo pedagógico, dos saberes e valores, e envolve atividades de extensão, grupos de estudos, reuniões pedagógicas, cursos, programas e ações para além da formação mínima exigida ao exercício do magistério na educação básica, tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente (BRASIL, 2015, p. 13).

Portanto, é dever do profissional se dedicar e buscar ampliar seu conhecimento, diante da sua formação profissional como educador, ou seja, ser um eterno estudante, refletir sobre o papel que quer executar como mediador do ensino educacional, seja, formal, não-formal ou informal. O que difere é a sua intencionalidade, diante de se mesmo e de seus futuros alunos.

Articulando as Diretrizes para Formação de Professores apresenta e os ensinamentos de Paulo Freire, podemos resumir nesta passagem:

Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. Tanto mais democrático, quanto mais ligado às condições de sua circunstância. Tanto menos experiências democráticas que exigem dele o conhecimento crítico de sua realidade, pela participação nela, pela sua intimidade com ela, quanto mais superposto a essa realidade e inclinado a formas ingênuas de encará-la. A formas ingênuas de percebê-la. A formas verbosas de representá-la. Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos (1967, p. 94-95).

Quando falamos da visão crítica desse sujeito, não estamos falando do fato desse sujeito se ver no mundo. Ou seja, é preciso que ele se identifique com ele, se tornando e fazendo parte dele, precisamos entender que somos parte do processo e por isso é preciso entender esse contexto social, no qual estamos inseridos. Contudo, sabemos que essa criticidade precisa ser intencional, partido do seu contexto social na busca por sua autonomia. Tendo consciência da verdadeira democracia, que é o direito a vida de ser sujeito do seu tempo, ter autonomia para participar, questionar e observar o que está em sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou responder por meio de estudos, qual a importância de Paulo Freire para a educação brasileira, sobretudo na formação docente. Sabemos que suas obras contribuíram muito para o ensino em sua totalidade. Paulo Freire viu o sujeito como parte do mundo e que esse sujeito pode transformar e modificar sua história.

Com o intuito de contribuir com a formação docente, buscamos ler e entender a obra de Paulo Freire, com o objetivo de levar aos futuros profissionais da educação, a ampliarem seus conhecimentos e conscientizarem-se a respeito de sua formação.

Esta pesquisa concluiu que uma educação crítica e emancipadora só se faz através de uma educação democrática, sendo assim, o sujeito precisa ter noção de seu papel diante de suas decisões. Assim podemos dizer, que é fundamental para a formação docente a busca constante pelo conhecimento. Quando pesquisamos mais a fundo as contribuições de Paulo Freire, entendemos que podemos fazer parte do processo educativo e que através da consciência crítica saberemos optar por decisões coerentes. Ou seja, a formação docente é para além da universidade, é no encontro do sujeito com o mundo, nas tomadas de decisões e na construção de novas ideias, sem esquecer o passado e pensando no futuro.

Sabemos que o processo educativo não se faz sozinho e sim em conjunto, o saber não é exclusividade de um só sujeito, mas é construído a partir de suas vivências, quando temos um olhar crítico em relação ao nosso lugar e que podemos transformá-lo através de nossas ações. Assim podemos dizer que o ato educacional nos liberta da ingenuidade.

Nossa pesquisa se baseou em autores como, Libâneo, Saviani, Vieira Pinto e Paulo Freire e nas Diretrizes de Formação de Professores, Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Estas leituras foram importantes para a escrita desta monografia e para o entendimento do conceito de educação em seu tempo histórico.

Através desses autores e da Resolução nº 2, podemos dizer que os diferentes conceitos que envolve a educação entre eles; formal, não-formal e informal, são aspectos ligados ao conceito educacional. O que diferenciam são suas intencionalidades, ou seja, todos fazem parte da educação voltada ao desenvolvimento do sujeito socio-histórico, assim podemos dizer que todos são importantes e fazem parte do processo educacional.

Tendo em vista os aspectos observados é preciso diferenciar uma educação crítica de uma educação ingênua, levando em conta toda a diversidade que há em nosso meio. Por isso a formação continuada é fundamental aos profissionais da educação, e para o bom desempenho de suas funções como mediadores do conhecimento.

Assim, esta pesquisa reforça a importância da consciência crítica e dialogada entre educador e educando, levando em conta os diferentes contextos, seja cultural, social e econômico, e que se renova em meio às mudanças que há diante de uma sociedade, seja com retrocesso ou avanço. Não podemos esquecer que somos sujeitos sócio-históricos e que podemos transformar nossa história. Por todos esses aspectos analisamos o porquê e para quê uma pedagogia crítica é importante para a formação de professores. Assim, aprendemos junto com os que buscam ver o homem como sujeito e membro dessa sociedade.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Clarissa Martins; SILVA, Everson Melquiades Araújo de. **Formação continuada de professores: tendências emergentes na década de 1990**. Educação, v. 32, n. 3, 2009.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior, cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados, cursos de segunda licenciatura e para a formação continuada**. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 8, 2015.

CARVALHO, Janete Magalhães; SIMÕES, Regina Helena Silva. **O que dizem os artigos publicados em periódicos especializados, na década de 90 sobre o processo de formação continuada de professora?** Artigo publicado em CD-room da XXII. ANPEDE. GT Formação de Professores. Caxambu, MG: 1999.

CUNNINGHAM, Willian F. **Introdução à educação**. Porto Alegre, Globo/MEC, 1975.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr. **O golpe na educação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DAVIS, Cláudia & OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. São Paulo, Cortez, 1990.

DURKHEIM, Émile. Principais abordagens sociológicas e suas implicações para a educação. **Sociologia da Educação I**, p. 17, 1967.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Paulo Freire. E-Biografia**, 24 dez. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/paulo-freire/>. 24 de dez. de 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Freire, 2002.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. João José Saraiva da Fonseca, 2002.

GADOTTI. Moacir. **Qualidade na educação: uma nova abordagem**. 2010.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. **Um olhar sobre a cultura**. Educação em Revista, v. 30, n. 3, p. 15-41, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

KRIPKA, KA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. **Pesquisa Documental: Considerações Sobre Conceitos e Características na Pesquisa Qualitativa CIAIQ2015**. V. 2, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos, **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** Ed.12, São Paulo, Cortez, 2010.

MARIANI, Fábio, CARVALHO, Ademar de Lima. **A Formação de Professores na Perspectiva da Educação Emancipadora de Paulo Freire**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.

MESQUITA, Maria Cristina das Graças Dutra. **Política Pública de Financiamento da Educação Infantil no Estado de Goiás: o Desvelamento do Real**. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

PINTO, Álvaro Vieira, 1909 - **Sete lições sobre educação de adultos, Introdução e entrevista de Dermeval Saviani e Belly Antunes de Oliveira**: versão final revista pelo autor, 8. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

SAVIANI, Dermeval Saviani. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA E. M. A; ARAÚJO C. M. **Reflexão em Paulo Freire: Uma Contribuição para a Formação Continuada de Professores**; V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins. **Reflexão em Paulo Freire: Uma Contribuição para a Formação Continuada de Professores**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005.

VIANNA, Carlos Eduardo Souza. **Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira**. Revista Janus, Lorena, v. 3, n. 4, 2006.

ZACARIAS, V.L.C.F. **Paulo Freire: Biografia resumida** – O caminho de um educador. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/paulo>. Acesso em: 17 abr. 2005.

APÊNDICE- I

Algumas anotações sobre Paulo Freire

Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro, criador do método inovador no ensino da alfabetização para adultos. Seu método foi levado para diversos países.

Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921.

Origem: primeiros anos de vida

Filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar, e de Edeltrudes Neves Freire, Paulo morou na cidade do Recife até 1931. Depois desse período foi viver no município vizinho de Jaboatão dos Guararapes, onde permaneceu durante dez anos.

Formação

Paulo Freire iniciou o curso ginasial no Colégio 14 de julho, no centro do Recife. Com 13 anos perdeu o seu pai e coube a sua mãe a responsabilidade de sustentar todos os 4 filhos. Sem condições de continuar pagando a escola, sua mãe pediu ajuda ao diretor de Colégio Oswaldo Cruz, que lhe concedeu matrícula gratuita, o transformou em auxiliar de disciplina, e posteriormente em professor de língua portuguesa. Em 1943 Paulo Freire ingressou na Faculdade de Direito do Recife.

Carreira

Depois de formado, Paulo Freire continuou atuando como professor de português no Colégio Oswaldo Cruz e de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1947 foi nomeado diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria. Em 1955, junto com outros educadores fundou, no Recife, o Instituto Capibaribe, uma escola inovadora que atraiu muitos intelectuais da época e que continua em atividade até os dias de hoje.

Frases de Paulo Freire:

A Educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca.

E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Método de Alfabetização Paulo Freire

Preocupado com o grande número de adultos analfabetos na área rural dos estados nordestinos - que formavam conseqüentemente um grande número de excluídos - Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização. Sua proposta de ensino estava baseada no vocabulário do cotidiano e da realidade dos alunos: as palavras eram discutidas e colocadas no contexto social do indivíduo. Por exemplo: o agricultor aprendia as palavras, cana, enxada, terra, colheita, etc.

Os alunos eram levados a pensar nas questões sociais relacionadas ao seu trabalho. A partir das palavras base é que se ia descobrindo novos termos e ampliando o vocabulário.

O primeiro projeto usando o método de Alfabetização Paulo Freire

A iniciativa do educador foi aplicada pela primeira vez em 1962 na cidade de Angicos no sertão do Rio Grande do Norte, quando foram alfabetizados 300 trabalhadores da agricultura. O projeto ficou conhecido como “Quarenta horas de Angicos”. Os fazendeiros da região chamavam o processo educativo de “praga comunista”.

A ditadura militar e o exílio

Com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi acusado de agitador e levado para a prisão onde passou 70 dias. Em seguida, após ser libertado, se exilou no Chile. Durante cinco anos desenvolveu trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária.

Em 1969, Paulo Freire lecionou na Universidade de Harvard. Durante dez anos, foi consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Municipal das Igrejas, em Genebra, na Suíça. O educador viajou por vários países dando consultoria educacional.

O regresso ao Brasil

Em 1980, com a anistia, Paulo Freire retornou ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo. Foi professor da UNICAMP, da PUC e atuou como Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo na gestão de Luísa Erundina.

Reconhecimento

Por seu trabalho na área educacional, Paulo Freire foi reconhecido mundialmente. Ele é o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa de diversas universidades. Ao todo são 41 instituições, entre elas, Harvard, Cambridge e Oxford.

Alguns Livros de Paulo Freire

Educação Como Prática da Liberdade (1967)

Pedagogia do Oprimido (1968)

Cartas à Guiné-Bissau (1975)

Educação e Mudança (1981)

Prática e Educação (1985)

Por Uma Pedagogia da Pergunta (1985)

Pedagogia da Esperança (1992)

Professora Sim, Tia Não: Carta a Quem Ousa Ensinar (1993)

À Sombra Desta Mangueira (1995)

Pedagogia da Autonomia (1997)

Vida pessoal

Em 1944 Paulo Freire se casou com Elza Maria Costa de Oliveira, professora primária, com quem teve cinco filhos. Após a morte de sua primeira esposa, casou-se com Ana Maria Araújo Freire, conhecida como Nita Freire, uma ex-aluna do Colégio Oswaldo Cruz.

Morte

Paulo Freire faleceu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997, vítima de insuficiência cardíaca.

Disponível em: <https://www.ebiografia.com,/paulo-freire/>. Acesso 13. jun. 2022.